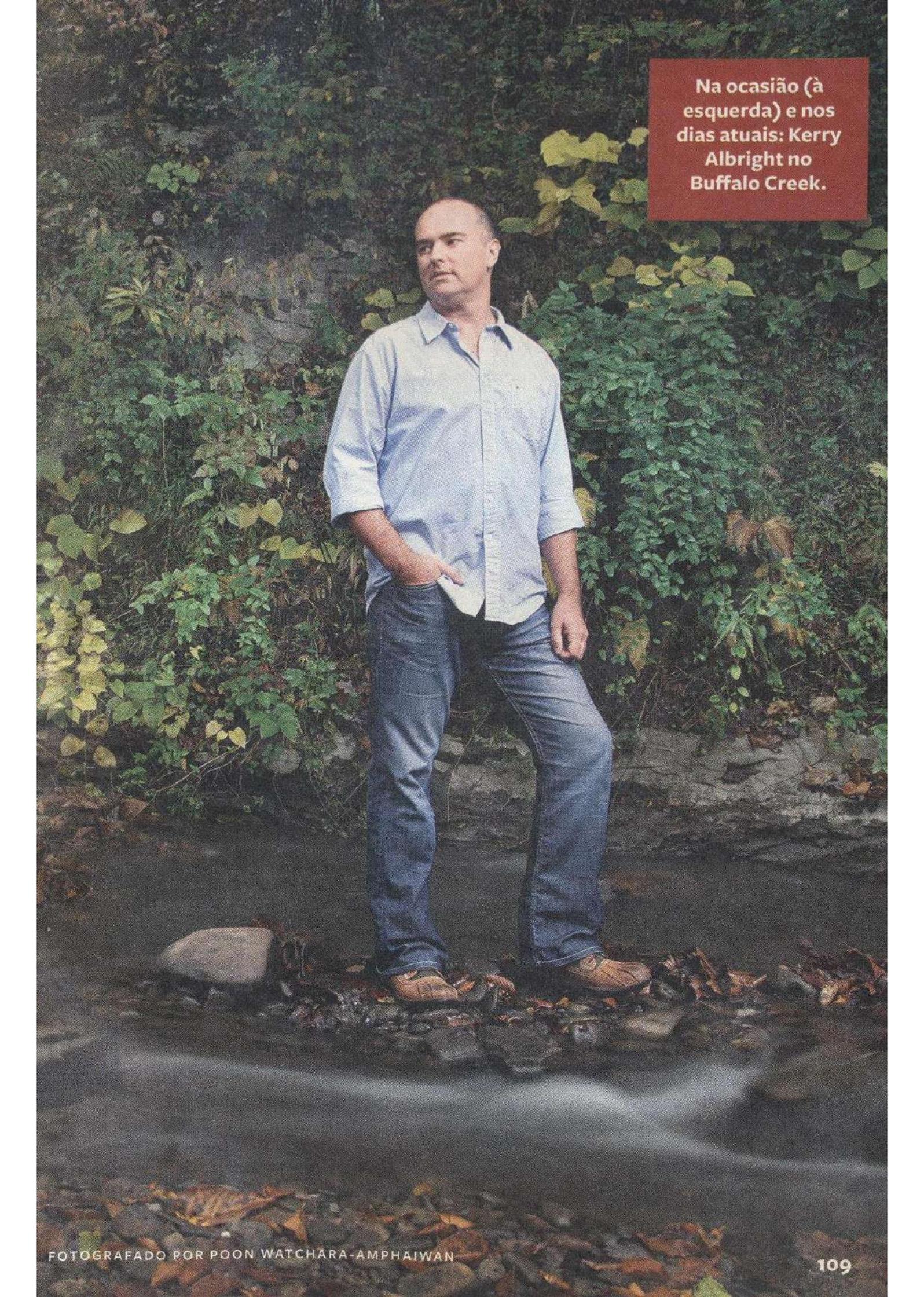


EM 1972, KERRY LEE ALBRIGHT
FOI LEVADO POR UMA ENCHENTE.
A MÃE SALVOU A VIDA DELE –
MAS PERDEU A DELA.
EIS A SUA HISTÓRIA.

Eu
era o
bebê
milagre

A man with a shaved head, wearing a light blue button-down shirt and blue jeans, stands in a shallow stream. He is looking slightly to his left. The background is a dense wall of green and yellowing foliage. The water in the stream is dark and has some white foam from a small waterfall or rapids in the foreground.

Na ocasião (à esquerda) e nos dias atuais: Kerry Albright no Buffalo Creek.



POR MELODY WARNICK

uma rua perto do seu apartamento no Brooklyn, em Nova York, vestindo jeans e camisa social, Kerry Albright, 41 anos, tem uma aparência despreziosa, comum até. Quando fala, o sotaque doce o identifica como sulista, mas ele não tem nada da timidez das cidades pequenas. Ao contrário,

Kerry fala com talento dramático revelando os 19 anos de trabalho no teatro musical em palcos internacionais. É um usuário entusiasmado do Facebook, com mil “amigos” e postagens regulares sobre suas viagens e outros passatempos. “Sou uma daquelas pessoas que só querem se juntar aos amigos e dar risadas”, diz.

Se não for questionado, ele nada diz sobre a infância, e tem apenas uma única foto do menino louro com carinha de anjo que já foi. Mas no fundo de sua mente está sempre a catástrofe que levou metade da família e à qual ele sobreviveu por um triz, embora fosse pequeno demais para se lembrar do evento que lhe deu o apelido de Bebê Milagre.

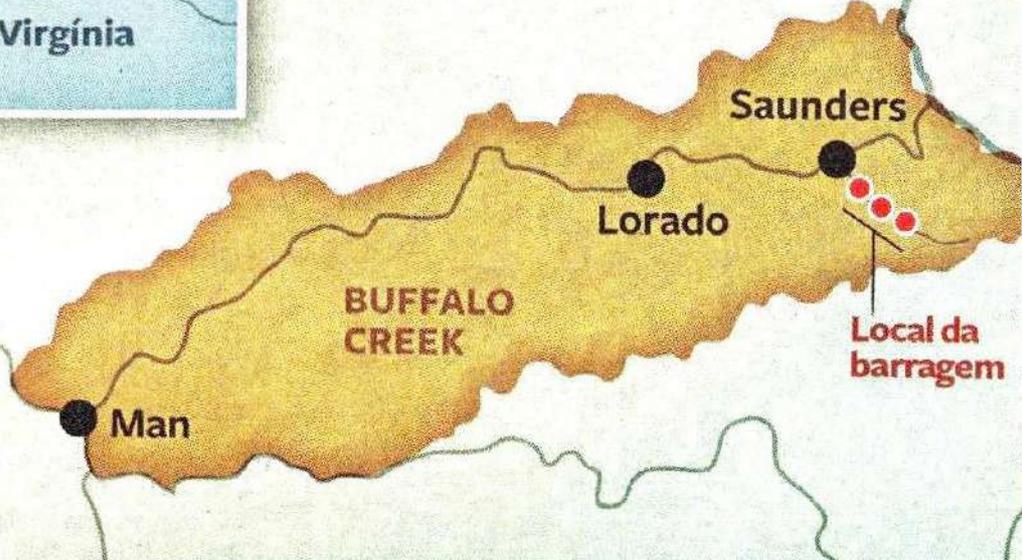
O dia 25 de fevereiro de 1972, uma sexta-feira, nasceu claro e bonito, e o céu azul foi um alívio depois da chuva e da neve que, durante semanas, tinham castigado o vale de Buffalo Creek, uma bacia hidrográfica de 27 quilômetros aninhada no sopé dos Montes Apalaches, na Virgínia Ocidental. Dentro da casa de tábuas brancas na cidade de Lorado, Sylvia Albright, 39 anos, mandou apressada o filho Steven, 17, sair para pegar o ônibus da escola e voltou a atenção para o bebê Kerry Lee. Com 9 meses, ele começava a melhorar de um hor-

rível período de cólicas. Agora que o sol brilhava, talvez Sylvia pudesse levá-lo lá fora um bocadinho. Com as nuvens distantes, pelo menos naquele momento, parecia que um pouco da preocupação com a barragem de Buffalo Creek também se desfazia.

A barragem fora construída oito anos antes para conter e filtrar a água usada para lavar carvão minerado. Na verdade, eram três barragens, todas feitas de ardósia, partículas de rocha e restos de carvão, construídas em camadas no morro que ladeava Buffalo Creek. Em 1972, a barragem superior



VIRGÍNIA OCIDENTAL



sustentava um lago de nove metros e meio de profundidade com 500 milhões de litros de refugo de carvão – o suficiente para encher mais de 200 piscinas olímpicas. Naquele mês de fevereiro, todas as barragens estavam cheias até quase transbordar. E o povo vivia preocupado.

Sylvia, cozinheira de uma escola primária, e o marido, Robert, mineiro, tinham outras coisas em que pensar. Um ano e quatro meses antes, Terry, o filho de 21 anos, fora morto por um colega soldado no Vietnã. Em seguida, Sylvia passara algum tempo hospitalizada com depressão. Para se recuperar, o casal se concentrou na criação de Steven, que ganhara uma bolsa para estudar música numa faculdade próxima.

Alguns meses depois da morte de Terry, no início de 1971, uma parente jovem telefonara para lhes dizer que estava grávida e não poderia criar o filho. Ela ofereceu o bebê ao casal e, quando ele nasceu, em maio, os Albrights levaram para casa um recém-nascido louro e de aparência angelical a quem deram o nome de Kerry Lee. O casal sempre quisera outro filho. O novo bebê foi um raio de luz no período sombrio após a morte de Terry.

Mas, naquela noite de fevereiro de 1972, as nuvens negras voltaram a se juntar. Os trovões faziam a casa estremecer. Perto da meia-noite, com os relâmpagos iluminando o asfalto molhado na rua, Robert foi no seu carro compacto Gremlin até uma mina

próxima, para trabalhar no turno da madrugada.

Nos dias anteriores, a situação da barragem piorara. Em 24 horas, da tarde de quinta-feira para a de sexta, o nível do lago de refugio atrás dela subira quase meio metro. Na sexta, a água subiu cerca de três centímetros por hora e mais depressa ainda quando a chuva forte voltou: cinco centímetros por hora, depois quase oito.

A direção da mina da Pittston Coal Company não ordenara a evacuação do vale, mas a maioria das 18 casas e os dois trailers de Saunders, cidade vizinha a Lorado, foram esvaziados. Cinco quilômetros ao sul, as luzes das varandas ficaram acesas a noite toda enquanto os moradores aguardavam notícias da barragem. Mas Sylvia e Robert acharam que aquela noite seria como as outras - muito nervosismo para nada.

Bem cedo, na manhã seguinte, uma rachadura de três metros de largura e nove de comprimento se formou no alto da barragem mais elevada. O muro de contenção ficou inchado como papelão molhado. Os diretores ordenaram aos operários que consertassem a barragem, mas era tarde demais. Antes de iniciarem o trabalho, o lado direito começou a se desfazer como um castelo de areia, e a água forçava cada vez mais a passagem. Em poucos minutos, a barragem desmoronou completamente.

O lago de refugio de carvão jorrou na direção das duas barragens mais

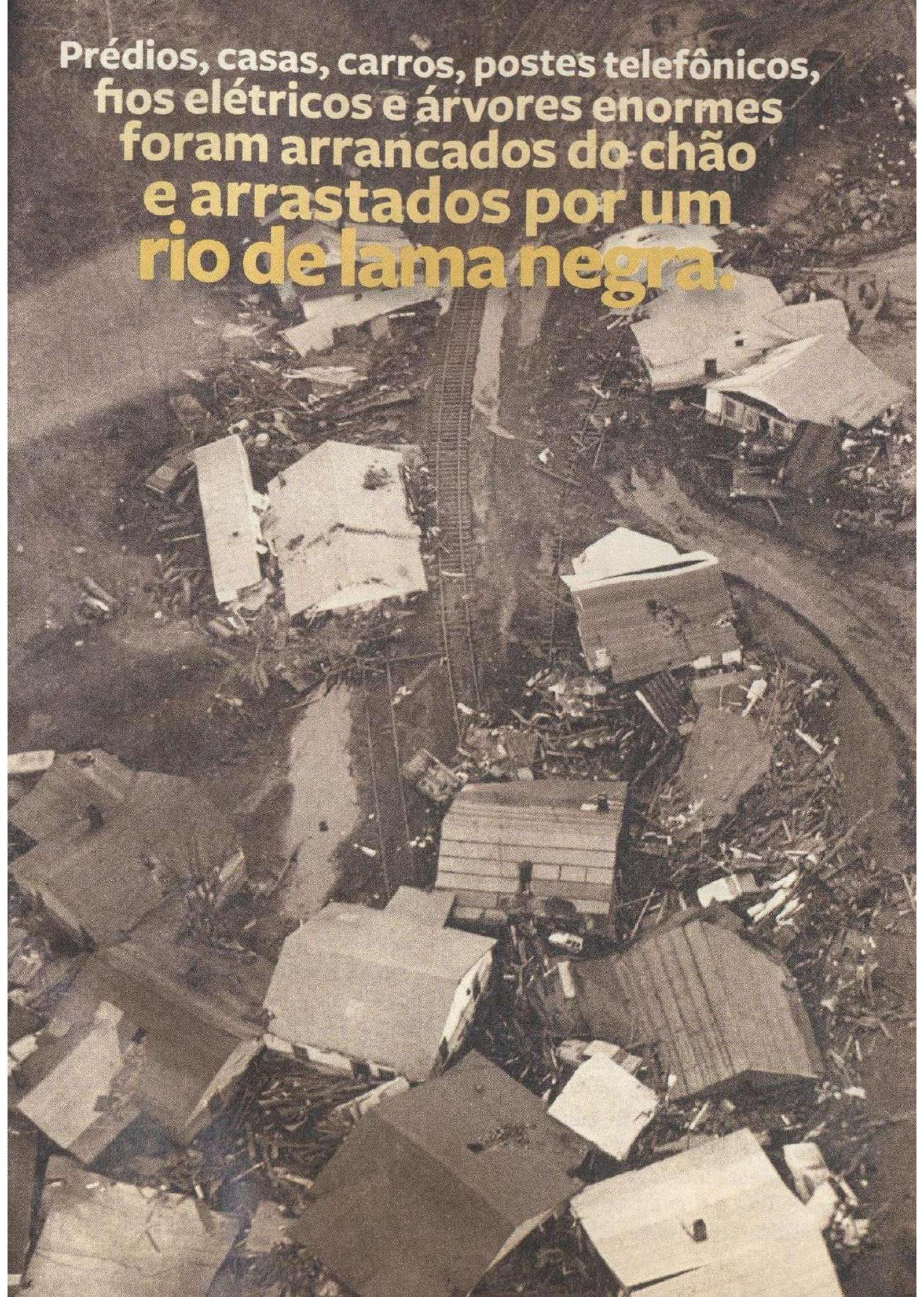
abaixo, provocando uma série de explosões quando a água atingiu bolsões de carvão em brasa. Em segundos, as duas barragens inferiores foram arrasadas.

Não havia mais nada que contivesse a água. A onda avançou sobre Saunders e arrastou consigo a Igreja Batista do Livre-Arbitrio, que os Albrights frequentavam. Ali, em alguns pontos, o vale media apenas 60 metros de largura, ladeado por montanhas que afunilavam a parede de seis metros de refugio numa velocidade de dois metros por segundo. Prédios, casas, carros, postes telefônicos, fios elétricos e árvores enormes foram arrancados do chão e arrastados por um rio de lama negra. Em poucos minutos, Saunders foi destruída.

Enquanto isso, a manhã de sábado começara de maneira bem sonolenta na casa dos Albrights. Sylvia, que planejava ir à capital Charleston com Steven para assistir a um show, soube que o evento fora cancelado por causa da chuva. Ela brincava com Kerry Lee e começava a preparar o desjejum. Robert estaria em casa por volta das 8h15, e a família tomaria o café da manhã reunida.

Alguns minutos depois das oito, as luzes piscaram e se apagaram. Às vezes a luz faltava, mas nesse momento Sylvia e Steven ouviram carros buzinando e gente gritando. Steven saiu para descobrir o que acontecia e, ao erguer os olhos, viu a montanha negra de seis metros de água e detritos vindo na direção da casa. Pareciam ondas do mar, em cuja crista casas

**Prédios, casas, carros, postes telefônicos,
fios elétricos e árvores enormes
foram arrancados do chão
e arrastados por um
rio de lama negra.**



arrancadas dos alicerces eram jogadas como barquinhos de brinquedo. Ainda havia pessoas dentro de algumas casas. Elas se agarravam às janelas e seus rostos pareciam máscaras de terror. No rugido da água, Steven escutou os prédios estalarem e estourarem ao virem abaixo.

Ele entrou correndo e gritando: “A barragem rompeu!” Sylvia agarrou Kerry Lee, que estava só de fraldas, Steven segurou o braço da mãe e, juntos, pela porta dos fundos, saíram correndo para o quintal, onde a água subia depressa. A única fuga possível era um morro íngreme e com muitas árvores que ficava a uns 15 metros da casa. Alguns vizinhos, como Timmy Bailey, colega de sala de Steven, já estavam lá.

Sylvia segurou Kerry Lee com força e deixou que Steven a conduzisse pela água. O cume do morro não parecia muito distante, mas, a cada passo que davam, o líquido negro e viscoso parecia puxá-los para baixo. Quando chegaram ao morro de pedra calcária, tinham lama negra até a cintura. Os vizinhos estenderam as mãos para eles, mas Steven e Sylvia não conseguiram alcançá-las.

Desesperada para salvar Kerry Lee, Sylvia começou a balançá-lo para a frente e para trás, tomando impulso a fim de jogá-lo para cima, na encosta do morro. Mas a água estava alta demais e ela perdia as forças, e então soltou o bebê. Ele caiu na água e foi instantaneamente levado pela correnteza. Sylvia e Steven também foram arrastados atrás dele.

No fundo da mina de Buffalo Creek, Robert Albright passara a noite conserutando uma carregadeira de carvão. Só ao voltar para casa, vendo a água espalhada pelo vale, entendeu o que acontecera.

Dirigiu o mais depressa que pôde até deparar com a estrada bloqueada. Então abandonou o carro para andar os 800 metros que faltavam até Lorado. Às nove da manhã, quando chegou à cidade, parecia que “uma bomba explodira”, como disse um vizinho. As casas tinham sido despedaçadas ou lançadas contra os prédios. Trechos de trilhos da ferrovia formavam nós em torno dos pilares da ponte. Carros amassados empilhavam-se. Uma camada de lama de alcatrão, grossa como pudim, cobria tudo. Entre os destroços, havia corpos de crianças e adultos, retorcidos, cobertos pelo lodo e irreconhecíveis.

Ele berrou para um vizinho:

- Onde está minha família?

- Não conseguiram sair - respondeu o vizinho.

Robert desmoronou. Sua família morrerá!

Em outro ponto, em meio ao caos, o pregador Ernest Vanover ajudava o filho Frank a procurar a mulher e a filha pequena. Os homens seguiram para Lundale, a três quilômetros dali, onde a família de Frank fora vista pela última vez. Ao atravessarem um canal a menos de um quilômetro da casa dos Albrights, Frank ouviu um som que parecia um miado agudo vindo da pilha de detritos mais abaixo.

Robert Albright dirigiu até deparar com a estrada bloqueada, então andou o restante do caminho. Ele berrou para o vizinho: “E a minha família?”



- Pai, ouvi um bebê chorar - disse.
- Deve ser apenas um cachorro ou gato - respondeu Ernest.

Ainda assim, ele olhou para baixo e viu uma perninha saindo da lama. Parecia uma boneca, mas algo levou os homens a cavar a lama com as mãos. Eles puxaram um bebê sem roupas. Em uma das coxas havia um corte profundo que ia até o osso. A cabeça da criança estava ensanguentada e a boca, cheia de lama e terra. Talvez tivesse ficado enterrado de cabeça para baixo por uns 20 a 30 minutos, mas quando os Vanovers tiraram a substância preta e grudenta de sua boca com um lenço, ele arfou tentando respirar.

Os homens embrulharam o bebê

no casaco e o levaram para uma casa próxima, onde encontraram Katheryn Ghent, prima de Sylvia e enfermeira.

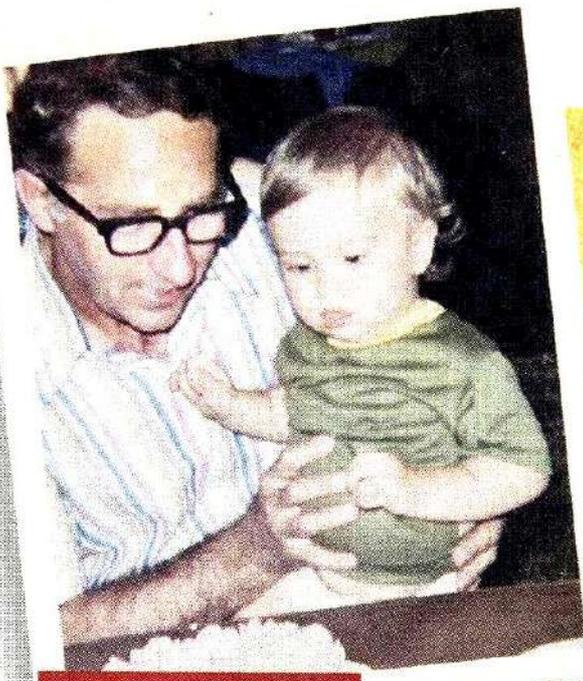
- Katheryn - disse Ernest Vanover, entregando-lhe o embrulho -, achamos este bebê.

A criança estava tão coberta de xisto betuminoso que Katheryn não reconheceu Kerry Lee Albright.

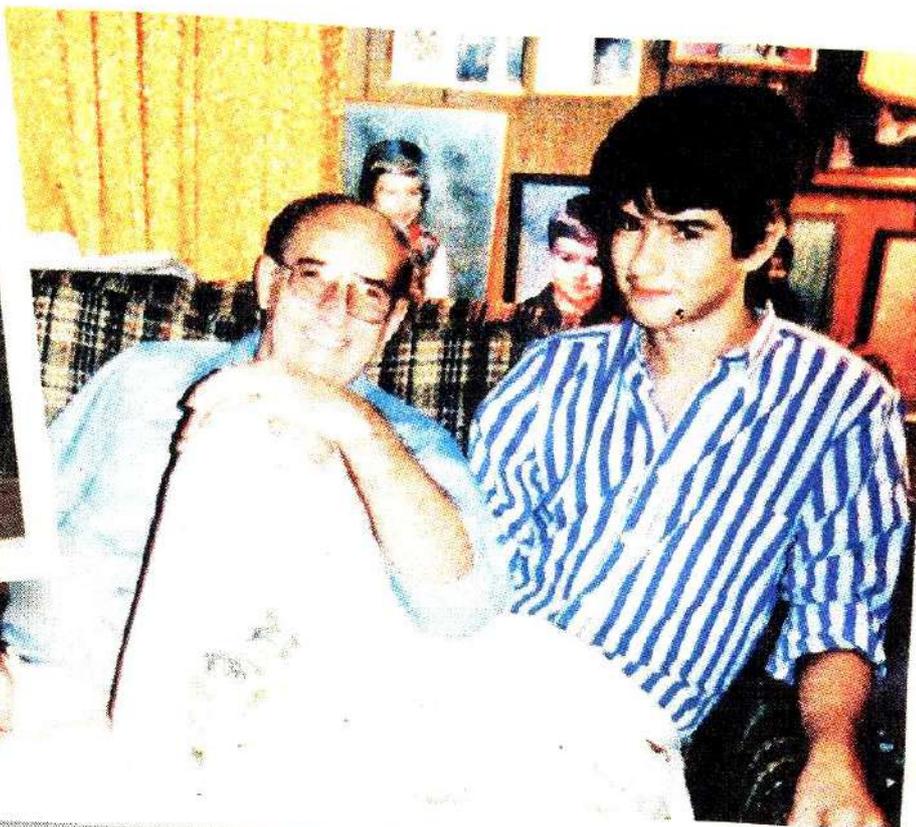
Ela enrolou o bebê na colcha de um vizinho e lavou-lhe a boca com água fresca até que a criança de 9 meses vomitou lama preta e começou a respirar melhor. Patty Wright, irmã de Sylvia, reconheceu o bebê na hora.

- É Kerry Lee, o filho da minha irmã! - disse.

E Katheryn lhe entregou o bebê.



Kerry Lee com 1 ano (acima) e aos 14, com o pai.



Quando se deu conta de que Kerry Lee estava sem a mãe, Patty teve certeza que Sylvia morrera. Onde estariam Robert e Steven?

Ela recorda que o silêncio de Kerry Lee foi o que mais a deixou preocupada: “Ele não emitiu nenhum som o tempo todo. Nem sequer chorou.”

Robert subiu o morro atrás do local onde antes ficava sua casa, em busca da família. Perdeu a noção do tempo até que um vizinho se aproximou, dizendo: “Seu filho Kerry Lee pode estar vivo.” Robert sentiu uma faísca de esperança se acender. Mandaram-no descer até a casa da cunhada. Quando entrou, Patty estava no chão, ninando o silencioso Kerry Lee.

– Robert, ele não chora – disse ela. – Ainda estou tentando tirar essa coisa preta de sua boca.

Robert se abaixou e beijou com

carinho a bochecha do bebê. Depois, pegou-o no colo. Finalmente o menino ferido começou a choramingar. Reconhecera o pai.

Robert e Patty levaram o resto do dia para conseguir atravessar com Kerry Lee o vale devastado e chegar ao hospital em Man, a 18 quilômetros dali. “Quando abriram a colcha, [a perna] parecia ter sido cortada com uma machadinha de carne”, contou Patty. Os médicos cuidaram da perna e de outros ferimentos, e Robert se manteve ao lado de Kerry Lee, sem trocar a roupa imunda por três dias até que alguém lhe levou algo limpo para vestir.

No quinto dia depois da tragédia, Robert foi ao necrotério improvisado na escola South Man para identificar os corpos de Steven e Sylvia, encontrados a pouco mais de 700 metros de

casa. Eles estavam entre as 118 pessoas, de 3 meses a 82 anos, que morreram em Buffalo Creek. A enchente destruiu a cidade em minutos, deixando feridas 1.100 pessoas e destruindo mais de 500 lares. A diretoria da Pittston Coal Company disse que o desastre ocorreu por “desígnios de Deus”.

Mais tarde, Robert se queixou a Patty: “Por que Deus me tirou minha mulher e o meu garoto e ainda deixou um bebê desse jeito? Por que Ele não me levou também?”

Robert Albright nunca voltou ao emprego nas minas de carvão. Com uma pensão por invalidez e, mais tarde, uma pequena indenização da empresa que projetara as barragens, dedicou-se a Kerry Lee e aprendeu a lhe dar banho, a remendar suas roupas e a preparar panelas de ensopadinho que duravam uma semana. “Para ele, me pegar no colo e aprender a me fazer dormir foi um grande desafio”, diz Kerry, como prefere ser chamado. “Mas ele conseguiu.” Depois de morrer alguns anos num trailer, Robert construiu uma nova casa em Lorado,

no mesmo terreno da antiga. Encheu o quintal de carrinhos, arcos, flechas, uma moto. Quando Kerry Lee mostrou talento para o palco, Robert o matriculou em aulas particulares de dança e canto. Várias vezes, disse ao filho: “Você pode fazer o que quiser, ser quem quiser. Só não vai trabalhar naquela mina de carvão.” Em 2000, com Kerry à sua cabeceira, Robert Albright morreu de câncer de garganta, aos 70 anos.

Embora não tenha conhecido a mãe, Kerry pensa muitas vezes no seu sacrifício para salvá-lo. “Deve ter sido um momento terrível quando ela percebeu que o único modo de me salvar seria me jogar longe”, diz ele. Mas explica que nunca se sentiu sem mãe. “Muita gente serviu de mãe para mim. Acho que tive umas 20 mães.”

Kerry entende por que foi chamado de bebê milagre, mas insiste que a sobrevivência do pai foi igualmente extraordinária.

“Na verdade, não há explicação lógica para minha sobrevivência. Mas meu pai passou pela morte da mulher e de dois filhos”, diz Kerry. “Só lhe restou um bebê adotado. Sinto que lhe dei uma razão para viver.”

SABEM MUITO DE HISTÓRIA

Um professor de história anônimo ficou tão horrorizado e perplexo com as provãs de seus alunos que fez uma seleção das piores respostas:

“Durante a Idade Média, todos estavam na meia-idade.”

“A Grande Praga de Londres também ajudou a língua inglesa a se tornar oficial na Inglaterra, França e Itália.”

“A História, um registro de coisas deixadas pelas gerações anteriores, começou em 1815.”

Fonte: wilsonquarterly.com